

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM  
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA**

**ESTUDO DE CASO**

**DEISE DE CÁSSIA XAVIER DA SILVA**

**ANÁPOLIS – GO  
2010**

**DEISE DE CÁSSIA XAVIER DA SILVA**

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM  
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA**

**ESTUDO DE CASO**

Estudo de caso apresentado à coordenação da Faculdade Católica de Anápolis para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Clínico e Institucional.

**ANÁPOLIS – GO**

**2010**

DEISE DE CÁSSIA XAVIER DA SILVA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM  
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA  
ESTUDO DE CASO**

TCC apresentado à coordenação do Curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para aprovação no curso.

Anápolis – GO, 02 de outubro de 2010.

APROVADA EM: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Sueli de Paula

Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Maria Inácia Lopes

Convidada

---

Prof<sup>o</sup>. Ms. Antônio Fernandes dos Anjos

Convidado

## MENSAGEM

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe (Piaget, Jean. Psicologia e Pedagogia. Rio de Janeiro. Forense., 1969).

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos Jelbson, Diovanna Geisa e ao meu esposo Geovane por se constituírem diferentemente enquanto pessoas, igualmente belas e admiráveis em essência, estímulos que me impulsionaram a buscar vida nova a cada dia, meus agradecimentos por terem aceitado se privar de minha companhia pelos estudos, concedendo a mim a oportunidade de me realizar ainda mais.

# SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO</b> .....	1
<b>2. DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO</b> .....	5
2.1 – INSTRUMENTOS UTILIZADOS.....	5
2.1.2 - Anamnese .....	5
2.1.3- Entrevista com o Cliente .....	8
2.1.4 Atividades Lúdicas .....	10
2.1.5- Provas Operatórias: .....	12
2.1.6- Provas Projetivas Psicopedagógicas: .....	13
2.1.7- Jogos de Regra .....	15
2.1.8 Provas Pedagógicas .....	16
<b>3. ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS</b> .....	18
3.1.1 - Anamnese .....	18
3.1.2 - Entrevista com o cliente .....	20
3.1.3 - Atividades Lúdicas .....	22
3.1.4 - Provas Operatórias .....	25
3.1.5 – Provas Projetivas Psicopedagógicas.....	26
3.1.7 Prova de Matemática.....	31
3.1.8 – Jogos de regras.....	32
3.1.9 – Hora do Jogo.....	34
3.1.10 – Observação do Material escolar:.....	36
3.2 – Entrevista com a professora.....	37
<b>4. HIPÓTESE DIAGNÓSTICO</b> .....	39
<b>5. SUGESTÕES E ENCAMINHAMENTO</b> .....	41
<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	42
<b>7. BIBLIOGRAFIA</b> .....	43
<b>8. ANEXOS</b> .....	44

## 1. APRESENTAÇÃO

O presente relatório tem como origem o estágio supervisionado em Psicopedagogia clínica que teve como objetivo o diagnóstico psicopedagógico de uma criança de 9 anos.

“A psicopedagogia nasceu da necessidade de uma melhor compreensão do processo de aprendizagem e se tornou uma área de estudo específica que busca conhecimento em outros campos e cria seu próprio objeto de estudo.” (BOSSA, 2000, p. 23).

Ocupa-se do processo de aprendizagem humana: seus padrões de desenvolvimento e a influência do meio nesse processo. O diagnóstico psicopedagógico busca investigar, pesquisar para averiguar quais são os obstáculos que estão levando o sujeito à situação de não aprender, aprender com lentidão e/ou com dificuldade; esclarece uma queixa do próprio sujeito, da família ou da escola.

A distinção entre o trabalho clínico e o preventivo é fundamental. O primeiro visava buscar os obstáculos e as causas para o problema de aprendizagem já instalado; e o segundo, estudar as condições evolutivas da aprendizagem apontando caminhos para um aprender mais eficiente.

No enfoque preventivo “a instituição, enquanto espaço físico e psíquico da aprendizagem é objeto de estudo da Psicopedagogia, uma vez que são avaliados os processos didático-metodológicos e a dinâmica institucional que interferem no processo de aprendizagem.

No exercício clínico, o psicopedagogo deve reconhecer seu processo de aprendizagem, seus limites, suas competências, principalmente a intrapessoal e a interpessoal, pois seu objeto de estudo é um outro sujeito, sendo essencial o conhecimento e possibilidade de diferenciação do que é pertinente de cada um. O psicopedagogo tem como função identificar a estrutura do sujeito, suas transformações no tempo, influências do seu meio nestas transformações e seu relacionamento com o aprender. Este saber exige do psicopedagogo o conhecimento do processo de aprendizagem e todas as suas inter-relações com outros fatores que podem influenciá-lo, das influências emocionais, sociais, pedagógicas e orgânicas. Conhecer os *fundamentos da Psicopedagogia* implica

refletir sobre suas origens teóricas e entender como estas áreas de conhecimento são aproveitadas e transformadas num novo quadro teórico próprio, nascido de sementes em comum. A Psicologia e a Pedagogia são as áreas “mães” da psicopedagogia, mas não são suficientes para embasar todo o conhecimento necessário. Desta forma, foi preciso recorrer a outras áreas, como a Filosofia, a Neurologia, a Sociologia, a Psicolingüística e a Psicanálise, no sentido de alcançar uma compreensão multifacetada do processo de aprendizagem.

Nesse lugar do processo de aprendizagem coincidem um momento histórico, um organismo, uma etapa genética da inteligência e um sujeito associado a tantas outras estruturas teóricas, de cuja engrenagem se ocupa e preocupa a Epistemologia; referimo-nos principalmente ao materialismo histórico, à teoria piagetiana da inteligência e a teoria psicanalítica de Freud, enquanto instauram a ideologia, a operatividade e o inconsciente (PAIN, 1985, p.15).

O campo de atuação da psicopedagogia é focado no estudo do processo de aprendizagem, diagnóstico e tratamento dos seus obstáculos, sendo o psicopedagogo responsável por detectar e tratar possíveis obstáculos no processo de aprendizagem; trabalhar o processo de aprendizagem em instituições de indivíduos ou grupos e realizar processos de orientação educacional, vocacional e ocupacional, tanto na forma individual ou em grupo.

As áreas de estudo se traduzem na observação de diferentes dimensões no processo de aprendizagem: orgânico, cognitivo, emocional, social e pedagógico.

A dimensão emocional está ligada ao desenvolvimento afetivo e sua relação com a construção do conhecimento e a expressão deste através de uma produção gráfica ou escrita. A psicanálise é a área que embasa esta dimensão, trata dos aspectos inconscientes envolvidos no ato de aprender, permitindo-nos levar em conta a face desejante do sujeito. Neste caso, o não aprender pode expressar uma dificuldade na relação da criança com seu grupo de amigos ou com a sua família, sendo o sintoma de algo que não vai bem nesta dinâmica. A dimensão social está relacionada à perspectiva da sociedade, onde estão inseridas a família, o grupo social e a instituição de ensino. A dimensão cognitiva está relacionada ao desenvolvimento das estruturas cognoscitivas do sujeito aplicadas em diferentes situações. No domínio desta dimensão, devemos incluir a memória, a atenção, a percepção e outros fatores que usualmente são classificados como fatores



intelectuais. A Epistemologia e a Psicologia Genética são as áreas de pano de fundo para este aspecto. Encarrega-se de analisar e descrever o processo construtivo do conhecimento pelo sujeito em interação com os outros objetos. A dimensão pedagógica está relacionada ao conteúdo, metodologia, dinâmica de sala de aula, técnicas educacionais e avaliações aos quais o sujeito é submetido no seu processo de aprendizagem sistemática. A Pedagogia contribui com as diversas abordagens do processo ensino aprendizagem, analisando-o do ponto de vista de quem ensina. A dimensão orgânica está relacionada à constituição biofisiológica do sujeito que aprende. A medicina e, em especial, algumas áreas específicas contribuem para o embasamento deste aspecto. Os fundamentos da Neurolingüística possibilitam a compreensão dos mecanismos cerebrais que subjazem ao aprimoramento das atividades mentais. Sujeitos com alteração nos órgãos sensoriais terão o processo de aprendizagem diferente de outros, pois precisam desenvolver outros recursos para captar material para processar as informações. A Lingüística é a área que atravessa todas as dimensões. Apresenta a compreensão da linguagem como um dos meios que caracteriza o tipicamente humano e cultural: a língua enquanto código disponível a todos os membros de uma sociedade e a fala como fenômeno subjetivo, evolutivo e historiado de acesso à estrutura simbólica. Nenhuma dessas áreas surgiu para responder especificamente a questões da aprendizagem humana. No entanto, fornecem meios para refletirmos cientificamente e operarmos no campo psicopedagógico.

Em um diagnóstico, um dos pontos mais importantes é a competência e sensibilidade do terapeuta em explorar todas as dimensões, ou aspectos como denomina Weiss (2003), aplicando-as aos dois eixos principais.

Tratando o sintoma como um desvio de aprendizagem, é necessário que o foco não esteja somente no sujeito, mas também nas suas relações com seu grupo social, instituição e objeto de aprendizagem.

Para conhecer esse Modelo de aprendizagem é necessária a análise dos dados colhidos com a escola, a família e o sujeito na perspectiva dos dois eixos descritos acima.

Da integração de dados obtidos surge o prognóstico e o conteúdo para a formulação da hipótese final para a entrevista de devolução diagnóstica.

A relação sujeito-terapeuta é também de fundamental importância para o processo diagnóstico. A qualidade e a validade do diagnóstico dependerão dessa relação.

Tudo na comunicação entre estes dois sujeitos deverá ser analisado durante o diagnóstico: a fala, os gestos, os silêncios, a linguagem corporal etc.

No período do estágio que aconteceu de maio a agosto de 2010, foram realizadas 10 sessões de diagnóstico aonde foi atendido C.S. A, 9 anos, sexo masculino cursando 4º ano do Ensino Fundamental. C.S.A foi encaminhado para diagnóstico psicopedagógico pela professora, com muita insistência por parte da mesma, com a queixa de “dificuldade no aprendizado (leitura e escrita), falta de atenção e dispersão de raciocínio

## 2. DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO

### 2.1 – INSTRUMENTOS UTILIZADOS

#### 2.1.2 - Anamnese

O termo anamnese vem do grego *Anámnesis*, onde o prefixo “aná” quer dizer “trazer de novo” e “mnesis” quer dizer “memória”, ou seja, proceder a anamnese é “trazer de novo à memória”, isso só será importante se focar em informações sobre o histórico de vida do cliente. Cada área foca determinado aspecto do desenvolvimento. É durante a anamnese que as hipóteses começam a perder ou ganhar forças.

Por ser muito invasiva, pois “revira” a pessoa do avesso e mexe muito com as emoções e sentimentos deve ser realizada com muito zelo e perícia, para que a pessoa não se retraia e crie bloqueios ou resistências que prejudiquem o processo investigativo.

A utilização de jogos, dinâmicas, entre outras atividades lúdicas auxiliam na dessensibilização do cliente que se encontra resistente. O lúdico e o confronto são duas importantes ferramentas para superar a resistência do cliente, escolha, pois, aquela que produzirá o melhor resultado esperado. Não há uma melhor do que a outra, mas há sim, uma mais indicada ou mais adequada do que a outra dependendo das circunstâncias e pessoas envolvidas.

Os benefícios tanto de uma quanto da outra dependerá da “dose” aplicada. A dosagem é o que diferencia o remédio do veneno.

Não se diagnostica alguém pelo fato em si que destoou do aprendizado relativamente padronizado, mas do evento que ocasionou a dissonância de aprendizagem.

A maioria dos atos absurdos, das falhas graves e dos surtos psicóticos é apenas um rebento, fruto de um processo que às vezes se iniciou ainda no ventre materno. Durante a anamnese, que não se limita ao questionário, mas abrange percepções e observações desde os aspectos triviais como rotina diária até aspectos do inconsciente, como por exemplo, os chistes, os atos falhos e os lapsos de memória podem contribuir muito para o registro deste retrospecto investigativo focado nos padrões de aprendizagem e vivências do cliente.

A anamnese não tem tempo determinado para se encerrar durante o processo de diagnóstico, pois desde a primeira sessão até a sessão que antecede a devolutiva ou o parecer se realiza anamnese. Às vezes se faz de forma explícita, quando se preenche o questionário; e às vezes se faz de forma velada, quando se capta um ato falho mais significativo sobre uma determinada experiência.

Considerando que o objetivo da anamnese é colher dados relevantes sobre a história de vida do cliente, é por isso muito importante para o psicopedagogo realizar o seu trabalho de investigação das causas da queixa, contudo, não se pode ignorar o fato de que para o cliente representa uma espécie de “balanço” de toda sua vida e, dependendo da magnitude e da intensidade aplicada nessa etapa, é possível que algumas pessoas se desestabilizem emocionalmente e até faltem às próximas sessões, isso quando não abandonam de vez a proposta de descoberta dos problemas elencados no início.

É importante iniciar a entrevista falando sobre a gravidez, o pré-natal, a concepção etc. A Psicologia pré-natal vem reforçar a importância desses momentos na vida do indivíduo e, de algum modo, nos aspectos inconscientes de aprendizagem.

É interessante perguntar se foi uma gravidez desejada ou não, se foi aceito pela família ou rejeitado. Estes pontos poderão determinar aspectos afetivos dos pais em relação ao filho.

De acordo com PAÍN (1992, p. 42), a história vital nos permitirá “... detectar o grau de individualização que a criança tem com relação à mãe e a conservação de sua história nela”.

Posteriormente é importante saber sobre as primeiras aprendizagens não escolares ou informais, tais como: como aprendeu a usar a mamadeira, o copo, a colher, como e quando aprendeu a engatinhar, a andar, a andar de velocípede, a controlar suas necessidades fisiológicas etc. A intenção é descobrir “em que medida a família possibilita o desenvolvimento cognitivo da criança - facilitando a construção de esquemas e deixando desenvolver o equilíbrio entre assimilação e acomodação...”. (WEISS, 2003, p.66).

É interessante saber sobre a evolução geral da criança, como ocorreram seus controles, aquisição de hábitos, aquisição da fala, alimentação, sono etc., se ocorreram na faixa normal de desenvolvimento ou se houve defasagens. Se a mãe não permite que a criança faça as coisas por si só, não permite também

que haja o equilíbrio entre assimilação e acomodação. Alguns pais retardam este desenvolvimento privando a criança de, por exemplo, comer sozinha para não se lambuzar, tirar as fraldas para não se sujar e não urinar na casa é o chamado de hipoassimilação (PAÍN, 1992), ou seja, os esquemas de objeto permanecem empobrecidos, bem como a capacidade de coordená-los.

Por outro lado há casos de internalização prematura dos esquemas, é o chamado de hiperassimilação (PAÍN, 1992), pais que forçam a criança a fazer determinadas coisas das quais ela ainda não está preparada para assimilar, pois seu organismo ainda está imaturo, o que acaba desrealizando negativamente o pensamento da criança.

A mesma autora, SARA PAÍN (1992, p. 42), aconselha insistirmos "... nas modalidades para a educação do controle dos esfíncteres quando apareçam perturbações na acomodação...".

Weiss (2003) nos orienta também saber sobre a história clínica, quais doenças, como foram tratadas, suas conseqüências, diferentes laudos, seqüelas. A história escolar é muito importante, quando começou a freqüentar a escola, sua adaptação, primeiro dia de aula, possíveis rejeições, entusiasmo, porque escolheram aquela escola, trocas de escola, enfim, os aspectos positivos e negativos e as conseqüências na aprendizagem. Todas estas as informações essenciais da anamnese devem ser registradas para que se possa fazer um bom diagnóstico.

Encerrada a anamnese, o psicopedagogo levantará o 3º sistema de hipóteses. A anamnese deverá ser confrontada com todo o trabalho do diagnóstico para se fazer a devolução e o encaminhamento.

No sentido da clínica psicopedagógica a devolução é uma comunicação verbal, feita aos pais e ao paciente, dos resultados obtidos através de uma investigação que se utilizou do diagnóstico para obter resultados.

É perfeitamente normal que, neste momento, exista muita ansiedade para todos os envolvidos no processo, seja o psicopedagogo, o paciente e os pais. Muitas vezes algumas suspeitas observadas ao longo do diagnóstico tendem a se revelar no momento da devolução. Alguns pais chegam à devolução sem terem consciência ou camuflam o que sabem sobre seu filho. É preciso tomar consciência da situação e providenciar suas transformações, caso contrário, não será possível realizar um contrato de tratamento.

Weiss (2003) orienta organizar os dados sobre o paciente em três áreas: pedagógica, cognitiva e afetivo-social, e posteriormente rearrumar a seqüência dos assuntos a serem abordados, a que ponto dará mais ênfase. É necessário haver um roteiro para que o psicopedagogo não se perca e os pais não fiquem confusos. Tudo deve ser feito com muito afeto e seriedade, passando segurança. Os pais, assim, muitas vezes acabam revelando algo neste momento que surpreende e acaba complementando o diagnóstico.

### **2.1.3- Entrevista com o Cliente**

O processo, uma vez iniciado pela apresentação de uma proposta de inclusão em educação, seguiu uma trajetória de grupo operativo e construção de um projeto político pedagógico. O presente trabalho toma este processo como exemplo, denotando o papel do psicopedagogo frente às demandas educacionais futuras. Para a implementação da proposta de trabalho, a articulação com a metodologia de pesquisa-ação confiou-lhe maior produtividade, apontando a intervenção cotidiana como a mais eficaz. Algumas vezes é possível, à própria escola, avaliar e dar o atendimento necessário a uma criança que vem apresentando problemas de aprendizagem. Quando este é o caso estamos diante de uma situação privilegiada que evita uma sobrecarga ao aluno e oferece possibilidades de que os resultados obtidos se mantenham, porque o problema foi trabalhado na situação em que eles ocorrem.

Entretanto, na maioria das vezes, isto não acontece, porque nem sempre a escola dispõe dos recursos necessários para a avaliação e o tratamento do problema da criança, tornando-se necessário o encaminhamento às clínicas especializadas.

A decisão a ser tomada dependerá das características do caso e das informações que a escola dispõe.

Assim:

a) Se a avaliação feita pela escola for capaz de descartar a hipótese de existência de distúrbios de aprendizagem, pois o problema parece se caracterizar como exclusivamente orgânico (deficiência auditiva ou visual, por exemplo) ou de

ordem emocional, o encaminhamento deve ser feito para um profissional ou instituição competente para resolver cada um destes tipos de problema.

b) Se, por outro lado, a avaliação da escola não for conclusiva ou se existir forte suspeita de distúrbios de aprendizagem, o encaminhamento ideal seria para uma psicopedagoga. Se, por algum motivo, o atendimento da criança por este tipo de clínica for impossível, uma segunda possibilidade seria encaminhar a criança para o profissional da área que parece mais comprometida.

Em qualquer um dos encaminhamentos acima referidos, as informações fornecidas pela escola são de valor inestimável para a compreensão do problema da criança. Neste contexto destaca-se o papel do professor, que graças ao conhecimento técnico que possui aliado ao conhecimento da criança que está sendo encaminhada, é insubstituível na obtenção de informações essenciais. Todos os demais profissionais da escola – professor de educação física, de artes, de computação etc. - que tenham contato com essa criança, devem ser estimulados a falar sobre ela. As informações dadas pela escola permitem, não somente um conhecimento mais aprofundado da criança, mas também, a inserção de seu problema num contexto que envolve o método empregado pela escola, a classe em que a criança está às atividades e expectativas da escola para os alunos.

A consulta aos pais também é fundamental porque eles podem fornecer dois tipos de informações:

a) Histórico da vida da criança: condições da gestação e do nascimento, episódios relevantes de sua vida, doenças que teve etc.

b) Informações sobre a vida atual, mudanças de comportamento percebidas, amizades que tem e como são essas relações etc.

A ênfase, muitas vezes, colocada no desempenho da criança pode dar a impressão de que seu progresso ou o seu fracasso depende exclusivamente dela. Entretanto, isso não é verdade. O problema pode estar na relação entre suas características e o método empregado pela escola, nas características da professora, nos seus colegas de classe, e muitos outros. Portanto, uma criança que apresente problemas de aprendizagem não exige o professor da busca de características e o método empregado pela escola, nas características da professora, nos seus colegas de classe, e muitos outros. Portanto, uma criança que apresente problemas de aprendizagem não exige o professor da busca de condições adequadas ao seu repertório. Pelo contrário, as crianças que apresentam

problemas de aprendizagem geralmente são capazes de aprender se as condições forem favoráveis.

Finalmente, vale lembrar que, embora o componente emocional possa não ter provocado o problema que a criança apresenta, ele contribui para o agravamento dos distúrbios. Portanto, o tipo de relacionamento estabelecido entre professores e alunos e entre os alunos da classe poderá criar boas condições para o aprendizado da mesma forma que, também, pode dificultá-la.

A primeira entrevista visa à compreensão da queixa nas dimensões da escola e da família, a captação das relações e expectativas centradas na aprendizagem escolar, a expectativa em relação à atuação do terapeuta, a aceitação e o engajamento do paciente no processo diagnóstico, a realização do contrato e do enquadramento e o esclarecimento do que é um diagnóstico psicopedagógico.

#### **2.1.4 Atividades Lúdicas**

Nossa sociedade mudou, temos uma inversão de valores, mais informação do que podemos absorver, a mulher trabalha fora, o avanço tecnológico é grande, a família mudou, a criança mudou o aluno e a escola também mudaram. As mudanças tecnológicas mudaram as formas de brincadeiras. As **crianças** deixaram de brincar na rua, jogar bola, pular amarelinha e passaram a jogar videogames e jogos de computador, ignorando o sol que brilha a convidar as brincadeiras na rua. Tanta mudança gera confusão e expectativas, por isso, a escolha por este tema que trata da importância do brincar, ou ainda, como o lúdico interfere no desenvolvimento de uma criança. Este desenvolvimento se dá através de uma interação entre ambientes físicos e sociais, sendo que os membros desta cultura, como pais, avós, educadores e outros, ajudam a proporcionar à criança participar de diferentes atividades, promovendo diversas ações, levando a criança a um saber construído pela cultura e modificando-se através de suas necessidades biológicas e psicossociais. Por isso, a importância da brincadeira, pois é a criação de uma nova relação entre situações do pensamento e situações reais. Brincar é coisa muito séria. Toda criança deveria poder **brincar**. A brincadeira contribui para o processo de socialização das crianças, oferecendo-lhes oportunidades de realizar atividades coletivas livremente, além de ter efeitos positivos para o processo de



aprendizagem e estimular o desenvolvimento de habilidades básicas e aquisição de novos conhecimentos.

As **brincadeiras** aparentemente simples são fontes de estímulo ao desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança e também é uma forma de auto-expressão. Talvez poucos pais saibam o quanto é importante o brincar para o desenvolvimento físico e psíquico do seu filho. A idéia difundida popularmente limita o ato de brincar a um simples passatempo, sem funções mais importantes que entreter a criança em atividades divertidas.

A partir de muitos referenciais teóricos, será possível observar uma série de conceitos importantes, visando ao bom desenvolvimento da aprendizagem da criança de 0 a 6 anos e o papel de pais e educadores nesta função tão importante que é educar uma criança.

A maioria dos pensadores e educadores que trabalham com este tema ressalta a importância da brincadeira no processo de aprendizagem e socialização. Infelizmente, tenho observado que a brincadeira não faz parte do projeto pedagógico da escola e da ação do professor.

Piaget (1976) diz que a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança. Estas não são apenas uma forma de desafogo ou entretenimento para gastar energia das crianças, mas meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual. Ele afirma:

"O jogo é, portanto, sob as suas duas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, uma assimilação da real à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu. Por isso, os métodos ativos de educação das crianças exigem todos que se forneça às crianças um material conveniente, a fim de que, jogando, elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência infantil". (PIAGET 1976, p.160).

Este princípio me levou a mergulhar nesta temática para melhor compreendê-la e descobrir como a brincadeira pode ajudar o professor em seu fazer pedagógico e a criança em seu processo de aprendizagem.

Entre as concepções sobre o brincar, destaca-se as de Fröbel, o primeiro filósofo a justificar seu uso para educar crianças pré-escolares. Fröbel foi o iniciante que defendeu a teoria do brincar para educar e desenvolver a criança. Sua Teoria Metafísica pressupõe que o brinquedo permite o estabelecimento de relações entre os objetos do mundo cultural e a natureza, unificados pelo mundo espiritual. Um tipo especial de jogo está associado ao nome de Maria Montessori. Trata-se dos jogos sensoriais. Baseados nos "jogos Educativos" pensados por Fröbel - jogos que auxiliam a formação do futuro adulto – Montessori elaborou os "jogos sensoriais" destinados a estimular cada um dos sentidos. Durante muito tempo confundiu-se "ensinar" com "transmitir" e, nesse contexto, o aluno era um agente passivo da aprendizagem e o professor um transmissor. A idéia de um ensino despertado pelo interesse do aluno acabou transformando o sentido do que se entende por material pedagógico. Seu interesse passou a ser a força que comanda o processo da aprendizagem, suas experiências e descobertas, o motor de seu progresso e o professor um gerador de situações estimuladoras e eficazes.

A atividade lúdica fornece informações sobre os esquemas do sujeito, como organizam e integram o conhecimento em um nível representativo. A observação desses esquemas pode levar à percepção de desequilíbrios entre as atividades assimilativas e acomodativas, apontando para obstáculos no processo de aprendizagem.

O que nos interessa chegar a compreender neste ponto é a oportunidade.

Neste tipo de sessão, observa-se a conduta do sujeito como um todo, colocando também um foco sobre o nível pedagógico, contudo deve-se ter como postulado que sempre estarão implicados o seu funcionamento cognitivo e suas emoções ligadas ao significado dos conteúdos e ações.

### **2.1.5- Provas Operatórias:**

As provas consistem em apresentar um material previamente organizado para o sujeito e propor atividades em que pode ser observada sua estrutura cognitiva em ação. Essa análise irá apresentar o nível operatório do sujeito e sua correlação com uma faixa etária.

Os resultados são obtidos através da análise das respostas que podem ser agrupadas da seguinte forma: nível 1 indica ausência total da noção, ou seja,

não atingiu o nível operatório neste domínio; nível 2 indica que as respostas expressam instabilidade em relação ao tipo de operação apresentado; nível 3 indica a aquisição do nível operatório no domínio testado. A descrição destas provas pode ser encontrada em diversas obras sobre a teoria piagetiana e originalmente nas obras de Piaget em que versa sobre Epistemologia Genética. A aplicação deste tipo de teste segue uma metodologia que consiste na aplicação de um interrogatório (método clínico) com a finalidade de conhecer como o sujeito pensa quais os juízos que faz e como argumenta para justificar suas respostas.

A aplicação das provas operatórias tem como objetivo determinar o nível de pensamento do sujeito realizando uma análise quantitativa, e reconhecer a diferenças funcionais realizando um estudo predominantemente qualitativo.

#### **2.1.6- Provas Projetivas Psicopedagógicas:**

Sobre as provas projetivas WEISS (2003, p. 117) observa que: O princípio básico é de que a maneira do sujeito perceber, interpretar e estruturar o material ou situação reflete os aspectos fundamentais do seu psiquismo “É possível, desse modo, buscar relações com a apreensão do conhecimento como procurar, evitar, distorcer, omitir, esquecer algo que lhe é apresentado. Podem-se detectar, assim, obstáculos afetivos existentes nesse processo de aprendizagem de nível geral e especificamente escolar”.

Para Sara Paín, o que podemos avaliar através do desenho ou relato é a capacidade do pensamento para construir uma organização coerente e harmoniosa e elaborar a emoção. Também permitirá avaliar a deteriorização que se produz no próprio pensamento.

De acordo com a Epistemologia Convergente, após a aplicação das provas operatórias e das técnicas projetivas o psicopedagogo levantará o 2º Sistema de hipóteses e organizará sua linha de pesquisa para a anamnese que, como já vimos, terá lugar no final do processo diagnóstico, de modo a não contaminar previamente a percepção do avaliador.

Pain (1985, p. 60) defende que as provas projetivas tratam de desvendar quais são as partes do sujeito depositadas nos objetos que aparecem como suporte da identificação e que mecanismos atuam diante de uma instrução que obriga o sujeito a representar em situações estereotipadas e carregadas emotivamente.

Para o diagnóstico psicopedagógico interessa concentrar a atenção na eficácia e limitações dos recursos cognitivos empregados para organizar sua descarga emotiva. Ainda segundo Pain, desta forma, pode-se registrar o modo que a inteligência aborda o objeto, o reconhece e o associa à sua experiência, o discrimina e o utiliza favoravelmente com sua necessidade.

Em um diagnóstico, devemos nos deter em: analisar como os recursos cognitivos possibilitam a organização da projeção, a expressão dramática do sujeito e a comunicação de suas angústias; observar o tipo de leitura da realidade.

a) Prova Projetiva Psicopedagógica – Par Educativo:

Nessa situação, solicitamos que a criança desenhe uma pessoa que aprende e uma que ensina, sugere-se que ela formule uma história envolvendo esses dois personagens; pode ser oral ou por escrito. É possível interpretar relações ensinante-aprendente, o papel vivido na escola, em turma, as rejeições às situações escolares, ameaça da figura do professor etc..

O teste do Par Educativo tem o objetivo de obter informações a respeito do vínculo estabelecido em relação à aprendizagem, como foi internalizado por ele o processo de aprender e como percebe aquele que ensina e o que aprende. Os dados obtidos darão condições para elaboração de hipóteses a respeito da visão do paciente de si, dos professores, de seus companheiros de classe e até mesmo da instituição educativa. Quanto ao aspecto estritamente pedagógico podemos avaliar o nível de redação, ortografia, criatividade literária etc. Esse teste consiste em instruir o paciente para que desenhe duas pessoas: “uma que ensina e outra que aprende”. Também solicitamos ao paciente que conte ou escreva uma história relacionada ao desenho.

b) Prova Projetiva Psicopedagógica – Família Educativa

Tem o objetivo de avaliar como se dá o relacionamento da família como um todo e também em suas diferentes partes. É necessário deixar claro que antes de se realizar esse teste é preciso investigar qual a visão que o paciente tem de família e como se encontra sua família, pois sabemos que nos dias atuais são muitas as variações sofridas pelas famílias que outrora eram formadas por Pai, mãe e filhos, hoje sabemos que podem ser formadas por avós, mãe e filhos; ou por Mãe e filhos; por filhos de pais separados que casaram com um novo cônjuge e assim

por diante. Todas essas relações devem ser conhecidas e esclarecidas para evitar distorções na análise do teste. O procedimento do teste é o seguinte: É solicitado ao paciente que desenhe uma família e não a sua família, dessa forma liberamos o paciente tanto no nível inconsciente quanto no nível crítico para falar de sua família que pode ser representada como é na realidade ou como o paciente a idealiza. Posteriormente pedimos que dê nomes a cada um dos indivíduos representados no desenho e que conte uma história sobre essa família.

#### c) Prova Projetiva Psicopedagógica - Eu e meus companheiros

Os desenhos ajudam-nos a descobrir e reconhecer as diferentes etapas pelas quais a criança está atravessando, os seus problemas e dificuldades, assim como seus pontos fortes além de ser um eventual modo de diagnóstico como uma medida de vários processos e fenômenos psicológicos, entre eles, a inteligência e o desenvolvimento cognitivo e até mesmo da coordenação motora.

Essa metodologia pode ser feita após as primeiras entrevista. Pois abre-las ao psicopedagogo conhecer mais e melhor a percepção da criança de seu próprio universo, seu estado afetivo, sua vida imaginária, suas possibilidades de criação. Sugere que se permita o desenho livre. As perguntas acerca do que foi desenhado “você desenhou seus amiguinhos que você mais gosta de brincar?” “Onde vocês estão?”, são sugeridas como recursos para ajudarem o psicopedagogo a conhecê-la e estabelecerem contato mais aprofundado com ela em momentos nos quais somente uma das linguagens – oral ou desenho – seriam insuficientes.

Analisando o desenho de uma criança podemos ver nele suas necessidades, sonhos, problemas, vínculos, seu universo íntimo e periférico.

#### **2.1.7- Jogos de Regra**

Segundo Vygotsky(1984), o lúdico influencia enormemente o desenvolvimento da criança. É através do jogo que a criança aprende a agir, sua curiosidade é estimulada, adquire iniciativa e autoconfiança, proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração. Fase das operações concretas (dos 7 aos 11 anos aproximadamente): as crianças aprendem as regras dos jogos e jogam em grupos. Esta é a fase dos jogos de regras como futebol, damas etc.

O jogo de regras, é a existência de um conjunto de leis imposto pelo grupo, sendo que seu descumprimento é normalmente penalizado, e uma forte competição entre os indivíduos. O jogo de regra pressupõe a existência de parceiros e um conjunto de obrigações (as regras), o que lhe confere um caráter eminentemente social.

Este jogo aparece quando a criança abandona a fase egocêntrica possibilitando desenvolver os relacionamentos afetivo-sociais.

O jogo é uma atividade que tem valor educacional intrínseco. A utilização de jogos educativos no ambiente escolar traz muitas vantagens para o processo de ensino e aprendizagem, entre elas: o jogo é um impulso natural da criança funcionando assim como um grande motivador; a criança através do jogo obtém prazer e realiza um esforço espontâneo e voluntário para atingir o objetivo do jogo; o jogo mobiliza esquemas mentais: estimula o pensamento, a ordenação de tempo e espaço; o jogo integra várias dimensões da personalidade: afetiva, social, motora e cognitiva; o jogo favorece a aquisição de condutas cognitivas e desenvolvimento de habilidades como coordenação, destreza, rapidez, força, concentração etc; a participação em jogos contribui para a formação de atitudes sociais: respeito mútuo, cooperação, obediência às regras, senso de responsabilidade, senso de justiça, iniciativa pessoal e grupal; o jogo é uma forma de vínculo que une a vontade e o prazer durante a realização de uma atividade; o ensino utilizando meios lúdicos cria ambiente gratificantes e atraentes servindo como estímulo para o desenvolvimento integral da criança.

### **2.1.8 Provas Pedagógicas**

O papel do professor é facilitar o crescimento e a formação de uma imagem positiva em relação à Prova Pedagógica, o tipo de relacionamento que mantém com o aluno contribui para que isto se realize. O conceito que este tem de si mesmo influencia seu crescimento cognitivo. Da mesma forma é importante que o professor se sinta adequado e com certo grau de satisfação no seu papel ensinante. Assim os níveis de auto conceito dos personagens envolvidos na trama do aprender estão relacionados diretamente com o processo de ensino-aprendizagem, sendo esta uma variável que possivelmente contribui para maior aproveitamento do que se ensina na escola e o que será cobrado em suas avaliações. Vale ressaltar, que o

aluno não é um ser passivo no processo de aprendizagem, diante de seus ensinantes e do que lhe é exposto a conhecer, o aluno com as suas características próprias tem formas particulares de organizar os elementos que lhe são oferecidos.

Nos espaços entre quem ensina e o objeto do conhecimento existe uma história e razões conscientes e inconscientes que vão interferir nos movimentos de assimilação e a acomodação, isto faz gerar ou não possibilidades de transformação da informação em conhecimento, culminando ou não em aprendizagem significativa.

Provas são muito mais do que instrumentos para “aprovar” ou “reprovar”. Prestam-se primordialmente à avaliação numérica e objetiva dos alunos, possibilitando a identificação de talentos e o diagnóstico de deficiências, bem como a quantificação da dimensão dos talentos e da gravidade das deficiências. Graças às provas é possível obter preciosas informações sobre a estrutura cognitiva e epistemológica das pessoas examinadas, e assim oferecer aos alunos e a seus respectivos tutores toda a orientação necessária para o melhor aproveitamento e desenvolvimento de suas potencialidades, reforçando os pontos fracos e cultivando os pontos fortes.

A aplicação de uma prova exige que o examinador atenda a determinados quesitos: o examinador deve ter bons valores éticos, bons conceitos pedagógicos e completa compreensão das propriedades do instrumento de avaliação utilizado, a fim de que sua avaliação seja científica, unívoca e, acima de tudo, justa.

As provas continuam sendo os melhores instrumentos que existem para avaliação pedagógica e psicológica. Há abundantes evidências de que as avaliações subjetivas feitas por professores costumam ser impregnadas de elementos pessoais, em que a relação de empatia ou apatia com os alunos acaba afetando drasticamente o julgamento do educador e levando-o a conclusões incorretas e pareceres iníquos.

A atitude correta consiste em aprender como construir melhores provas, para que estas sejam capazes de conferir com audácia e fidelidade o grau de desempenho dos estudantes, possibilitando diagnosticar corretamente as características cognitivas e personalógicas de cada aluno, identificando pontos fortes e fracos para, em seguida, trabalhar nestes pontos de modo a contribuir para a inserção destes alunos na comunidade e no mercado de trabalho, ajudando-os para que se tornem melhores profissionais e melhores cidadãos.

### 3. ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS

#### 3.1.1 - Anamnese

O presente trabalho tem como referencial teórico-metodológico a experiência vivenciada em uma escola municipal. A pesquisa foi sobre “Dificuldades de Aprendizagem” na Leitura e Escrita no segundo ciclo do Ensino Fundamental.

Este trabalho é do tipo investigativo feito a partir de uma abordagem na educação pública realizado com o aluno (C.S.A.) que cursa a 4º ano das séries iniciais.

Priorizamos neste trabalho apenas a dimensão psicopedagógica com enfoque na questão da aprendizagem do fazer docente.

A Anamnese foi realizada decorrente no período de 10 sessões entre os meses de maio/junho com a mãe de C.S.A.. Durante esse período as sessões ocorreram serenamente e bastante produtiva contribuindo assim para o presente estudo de caso da pesquisadora.

Durante os primeiros relatos, a mãe de C.S.A descreveu os principais acontecimentos relacionados ao crescimento e desenvolvimento do filho.

C.S.A é o terceiro filho de M.S. A (mãe – 32 anos) e de A.J. A (pai - 40 anos). A gestação, segundo o relato da mãe, foi normal, com algumas dificuldades conjugais, sem grandes problemas. O nascimento também ocorreu normal, C. nasceu de normal aos 9 meses, com 3.100g e 48 centímetros, nasceu saudável e se comportou de maneira considerável e normal para um recém-nascido.

O crescimento e desenvolvimento de C. foram tranquilos, mas um pouco lento, pois dormia muito, andou e falou com mais de 1 ano. Porém durante essa fase, os problemas familiares (entre os pais) continuavam, diz a mãe “ele bebia demais”, o que para ela foi o motivo pelo qual não tinha paciência com C. Disse ela que sempre se dirigia a família com pouca atenção, pois, sempre chegava alcoolizado em casa.

A estrutura familiar é rotineira, não há diálogo e companheirismo entre todos. O que levanta uma hipótese de frustração do relacionamento amoroso e sentimento de abandono.



A mãe relata que C. desde pequeno apresenta dificuldade de manter atenção em qualquer situação. Aos quatro anos começou a freqüentar a creche, as professoras diziam a ela que o mesmo não conseguia acompanhar as brincadeiras de seus colegas. A todo o momento quando fala do filho, ela o descreve como “lento”, “acomodado”, “dependente” e “medroso”.

Analisando o contexto, não acredito que C. seja tão desatento, provavelmente o que implica este comportamento seja a falta de atenção de seus familiares, pois em projetos da escola ele se mostra totalmente diferente do contexto que a mãe o descreveu, a falta da participação da mãe na área escolar faz com que C. desenvolva uma instropecção interior, assim não precisa esperar nada em troca e não se “decepciona” com nada de negativo que lhe ocorra.

M. relatou que atualmente a convivência tem sido monótona, segundo ela C. tem sido passivo, ouve o que todos lhe pedem mais não se importa em realizar. Ela diz que muitas vezes as atitudes dele é infantil e imatura.

O pai é ausente na vida do filho, ela o descreve como irresponsável, e também fica claro que ela sempre que possível, denigre a imagem do pai para C.S.A. e seus irmãos.

Em relação a vida escolar de C., a mãe o culpa pelo seu fracasso escolar, segundo ela: “ parece que meu filho não se importa com nada! Não tem interesse de melhorar, é um preguiçoso...” Referi-se ao desinteresse de C. como sendo culpa dele mesmo, e tudo que na visão dela “é bom pra ele”, como ir à escola, conviver bem com outras pessoas, aprender uma profissão (freqüentar cursos), obedecer a regras, etc., ele não faz e isso distancia ainda mais a relação entre mãe/filho.

O fracasso escolar aparece hoje entre os problemas de nosso sistema educacionais mais estudados e discutidos. Porém, o que ocorre muitas vezes é a busca pelos culpados de tal fracasso e, a partir daí, percebe-se um jogo onde ora se culpa a criança, ora a família, ora uma determinada classe social, ora todo um sistema econômico, político e social. Mas será que existe mesmo um culpado para a não- aprendizagem? Se a aprendizagem acontece em um vínculo, se ela é um processo que ocorre *entre* subjetividades, nunca uma única pessoa pode ser culpada.

A Mãe tem com certeza que a vinda do filho para escola é para que a criança construa o conhecimento necessário, ao mesmo tempo, deixa claro a sua impaciência quando é solicitada sua presença na mesma.

Quando questionada sobre o seu papel na educação escolar do filho, a mãe me disse que o dever de toda mãe é matricular seu filho na escola e fazer com que freqüente a mesma, mas ela sabe que em relação a conduta social, cognitiva e emocional de C.S.A., há problemas e ela como mãe, precisa saber qual é.

A sintomatização da acomodação pode dar-se pela resistência em acomodar, ou seja, numa dificuldade de internalizar os objetos (Fernández, 1991 p. 110).

Percebi que há uma contradição do dizer de M., ao mesmo tempo que aceita as dificuldades de C., ela degringe a imagem do filho ao argumentar que ele é preguiçoso e desinteressado. Alicia Fernández nos lembra que *“a culpa, o considerar-se culpado, em geral, está no nível imaginário”* (FERNANDEZ, 1994)

Essa discrepância da mãe com C. levanta a hipótese do esquema de hipoacomodação, A acomodação consiste em adaptar-se para que ocorra a internalização.

### **3.1.2 - Entrevista com o cliente**

Nesta entrevista pode-se reunir os pais e a criança ou até a família, dependendo da disponibilidade.

A princípio, iniciei uma conversa informal co C.S.A. Propus uma brincadeira (jogo dos sete erros) que ele realizou lentamente, desinteressadamente, sem demonstrar um pingão de entusiasmo pelo jogo. Perguntei-lhe se já conhecia o jogo ou se gostaria de “brincar” comigo, mais C. não reagiu minha tentativa de aproximação.

Durante o processo de Anamnese percebi uma incompatibilidade no que havia dito a mãe de C. S. A. com o que de real estava acontecendo, pois ao meu ver, o problema realmente não é de natureza clínica e sim psicológica.

Por ser uma criança vagarosa, pacata e calma, me enganei ao pensar que ele não tivesse uma socialização amigável, pelo contrario, possui amigos e gosta de brincar, mesmo que seja sozinho. Demonstrou extremo desinteresse em nossa conversa e nas atividades propostas. Queria ficar “na dele”.

Não há dúvida de que seu interesse está voltado para coisas não corriqueiras. Sua desatenção no que tange a vida escolar está relacionada à falta de conectividade entre ele e os demais membros de sua família.

O desinteresse do pesquisado é uma forma de retribuir o déficit de atenção para com ele por parte da família.

Aprofundei ainda mais minhas perguntas no que tange a seu cotidiano, mais C. pouco acrescentou ao que já havia me dito.

Durante a entrevista também foi observado em C suas necessidades de se manter afastado de qualquer relação interpessoal com a professora, familiares e com a pesquisadora (Eu), suas atitudes muitas vezes são de um menino inseguro, imaturo e que necessita de atenção (falas da professora), o que levanta a hipótese de falso self: A acomodação consiste em adaptar-se para que ocorra a internalização. A sintomatização da acomodação pode dar-se pela resistência em acomodar, ou seja, numa dificuldade de internalizar os objetos (Fernández, 1991 p. 110).

Comenta que, partindo do ponto de vista que o falso self resulta de um continuado esforço da criança para assegurar o amor dos pais, nem que seja às custas de renunciar à espontaneidade e sujeitar-se às expectativas daqueles. (Fernández, 1991).

Concluindo a entrevista observei que C. S. A. é uma criança no geral desinteressada, não gosta de se expor, é extremamente doce e por sua vez suas atitudes demonstram carência familiar.

Em relação a sua dificuldade em acompanhar a rotina escolar, percebi que alguns aspectos estão relacionados a Dificuldades de Aprendizagem na Leitura e Escrita.

Algumas destas questões exibidas por C. são insinuante de depressão ou de distúrbios afrontados de obstáculos, mas o problema com a leitura, a soletração, os exercícios escritos e seu raciocínio lógico são comuns em crianças que possuem algum déficit de atenção.

As análises comportamentais de representações em testes deste aluno mostram falta de clareza, erros em palavras funcionais, visuais e erros de soletração não fonéticos.

### 3.1.3 - Atividades Lúdicas

A atividade lúdica fornece informações sobre os esquemas do sujeito, como organizam e integram o conhecimento em um nível representativo. A observação desses esquemas pode levar à percepção de desequilíbrios entre as atividades assimilativas e acumulativas, apontando para obstáculos no processo de aprendizagem.

O que nos interessa chegar a compreender neste ponto é a oportunidade que a criança teve para investigar (aplicar seus esquemas precoces) e para modificar-se (por transformação dos seus esquemas), com implicações posteriores dessas atividades no jogo e na imitação, o que leva à constituição de símbolos e imagens.

Neste tipo de sessão, observa-se a conduta do sujeito como um todo, colocando também um foco sobre o nível pedagógico, contudo deve-se ter como postulado que sempre estarão implicados o seu funcionamento cognitivo e suas emoções ligadas ao significado dos conteúdos e ações.

- **Jogo do 7 erros**

Relembrando que brincar é um direito fundamental de todas as crianças no mundo inteiro, cada criança deve estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas voltadas para satisfazer suas necessidades básicas de aprendizagem. A escola deve oferecer oportunidades para a construção do conhecimento através da descoberta e da invenção, elementos estes indispensáveis para a participação ativa da criança no seu meio

O objetivo da atividade jogo dos 7 erros que foi aplicado é analisar a percepção visual e cognitiva de C.

Ao começar a sessão, observei que C. não estava tão entusiasmado em realizar esse tipo de atividade, quando questionado sobre sua falta de entusiasmo, ele me disse que não era tão em perceber as diferenças entre os dois desenhos.

Sorri e lhe disse que poderia ficar sossegado, que mesmo eu, quase sempre não percebia todos os sete erros, ele se tranqüilizou e começou a procurar e encontrar as primeiras diferenças entre os desenhos.

C. encontrou os erros mais óbvios, mais quando foi necessário mais atenção, ele se refugiou e negou-se em terminar a atividade.

Quando perguntei se precisava de ajuda, C. falou que não queria brincar mais que esse jogo era muito chato, pude então perceber que na verdade ele não queria deixar transparecer sua verdadeira dificuldade em jogar.

Conclui que C. não conseguiu realizar com êxito e rapidez a atividade, o que demonstra um desinteresse por assuntos que não lhe despertam atenção, mais possui um panorama visual, e coordenação motora aceitável.

- **Atividade numérica de ordem crescente (liga os números).**

Este jogo consta de uma tarefa de seqüenciação lógico-narrativa por meio de construção do mapa conceitual do eixo sintagmático, se utilizando da memória de trabalho. Nesta tarefa, é utilizado o canal visual e ainda como pré-requisito a atenção sustentada. Para melhor entendimento do leitor, a seguir de cada termo específico tratado neste jogo, o termo será descrito.

Trabalhamos neste jogo com uma seqüência determinada, a de imagens dentro de uma lógica-narrativa.

A lógica está relacionada à coerência de raciocínio, de idéias; é uma seqüência coerente, regular e necessária de acontecimentos, de imagens (Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa).

C. obteve êxito diante da atividade de ligar números, executou-a com rapidez e agilidade, o que representa uma boa linha de raciocínio e coordenação motora. Também realizou a atividade de forma incorreta, pois não observou a seqüenciação numérica dos números, ao ser questionado, respondeu que realizou a atividade proposta por que lhe pediram e não prestou a devida atenção necessária.

Percebi que ele queria mesmo era concluir a tarefa para que eu o deixasse sossegado em seu mundo interior.

- **Atividade Quebra-cabeça**

O quebra-cabeça é um jogo que contém peças de diferentes tamanhos e formas. Cada uma delas tem uma função, uma razão de existir. É fundamental para a finalização do jogo que cada qual seja colocada no seu lugar. O jogo pode se tornar concomitantemente difícil e prazeroso, envolve regras, limites, tempo,

confronto, ação, reflexão, desejo de jogar e prazer de vivenciar, experimentar, conhecer novas formas de se montar o quebra-cabeça.

Motivo que ao comentarmos sobre o termo brinquedo logo lembramos de criança. Brinquedo e criança são duas coisas inseparáveis. Ninguém põe em dúvida que brincar não só faz parte da vida da criança, mas é a própria criança. Quando olhamos para uma criança e observamos seu raciocínio através de seu comportamento, podemos notar que toda sua vida é iluminada pela brincadeira.

O quebra-cabeça é um jogo onde um jogador deve resolver um problema proposto. Nesse tipo de jogo, o raciocínio é bem mais importante que a agilidade e a força física. Os quebra-cabeças são normalmente usados como passatempo. Acredita-se que a história começou quando no século XVIII um cartógrafo colou um mapa a uma tábua de madeira .

Assim como outras atividade C. se saiu não muito bem, realizou a proposta vagaroso e acomodado, montou o jogo em linhas tortas,sem observar a sequência das figuras, novamente confirmando sua desatenção a qualquer brincadeira lúdica, demonstrando que quando menor ao até mesmo na idade atual(9) não possui afinidade com tais jogos .

- **Atividade labirinto**

Segundo Piaget (1975), é devido ao jogo que a criança assimila o mundo com a finalidade de atender seus desejos e fantasias. Esse jogo evolui, dando início aos exercícios funcionais, evoluindo também os jogos de construção para ampliar, gradativamente, aos jogos com regras, dando origem à lógica operatória. Este tipo de jogo revela uma lógica tão necessária para a estruturação da personalidade humana quanto à lógica formal, advinda das estruturas cognitivas.

Devido ao caráter social, o jogo de regras favorece cooperação ao submeter as ações dos sujeitos às normas de reciprocidade. Educação e Psicologia unem-se para solucionar problemas de caráter educativo; nem sempre os meios ajudam na realização dos princípios educacionais, sendo necessária a realização de estratégias pedagógicas adequadas, para possibilitar aos educandos uma postura de liderança, diálogo, visão, pensamento e ação.

Na tentativa de resolver os problemas no decorrer do jogo, o sujeito cria estratégias e avalia os resultados obtidos das metas a alcançar naquela atividade. Seus fracassos originam conflitos no indivíduo e assim formam-se os mecanismos de equilíbrio cognitivo.

A atividade de labirinto também é uma atividade que contempla a percepção visual e motora, rapidez de raciocínio e lógica.

A tarefa proposta era levar o personagem “João” à um Oasis, passando por diversas situações, o percurso em si era de fácil compreensão, mais exigia concentração, compreensão e coordenação motora.

Quando entreguei a folha da atividade, C. foi logo para o final, não se deu o trabalho de ler a enunciado, quando questionado ele me disse: “- Uai! Não é só levar o “hominho” para o “coquero”?, Isso eu do conta!”

Eu então lhe expliquei que o objetivo da “brincadeira” seria levar o personagem ao Oasis e não o contrário.

Assim como nas outras C. não se saiu muito bem, demonstrando algumas dificuldades de raciocínio, agilidade e coordenação.

#### **3.1.4 - Provas Operatórias**

- a) Prova de Seriação de Palito; Prova de Conservação de quantidade; Intersecção de classes; Quantificação e Inclusão de Classe.

Com relação às provas do diagnóstico Operatório, as respostas de C., são compatíveis à idade cronológica de 7 a 11 (estágio operatório concreto).

De acordo com Piaget (1990), o desenvolvimento cognitivo é um processo de sucessivas mudanças qualitativas e quantitativas das estruturas cognitivas derivando cada estrutura de estruturas precedentes. Ou seja, o indivíduo constrói e reconstrói continuamente as estruturas que o tornam cada vez mais apto ao equilíbrio.

Essas construções seguem um padrão denominado por Piaget (1990) de *ESTÁGIOS* que seguem idades mais ou menos determinadas.

- As avaliações variam entre os níveis 2 e 3:

- **Prova de seriação de palitos:** Piaget realizou diversas provas com crianças de diversas idades para compreender as formas de raciocínio das crianças, sendo uma delas a de seriação. A prova de seriação consiste em ordenar os elementos segundo grandezas crescentes ou decrescentes. De acordo com

PIAGET; 2005, a seriação é a capacidade de ordenar mentalmente objetos de acordo com as suas diferenças (comprimento, peso e volume), em ordem crescente ou decrescente. Desta forma, Piaget (2005) afirma que, em todas as idades, as crianças saberão distinguir dois bastões pelo comprimento e julgar que um é maior que o outro. Mas no estágio pré-operatório (de dois a sete anos) isto ainda não é uma operação lógica, é uma relação perceptiva ou intuitiva.

Prova de Conservação da quantidade de matéria: Conservação é definida por Piaget (2005) como a capacidade de perceber que apesar das variações de forma ou arranjo espacial, uma quantidade ou valor não varia se dele não se retira ou adiciona algo. Na criança surge entre os 7 e os 12 anos durante o estágio da operações concretas, variando conforme a quantidade ou valor a considerar. Assim é á partir dos 6/7 começa a conseguir conservar números, comprimento e quantidade de liquido. Em seguida vem a conservação de substância (7/8 a), área (9/10 a), e volume (11/12 a)

- Prova de Intersecção de classes: Resposta de nível 3 – operatório concreto. A criança deste nível de pensamento tem um acerto preciso, desde o primeiro momento, a todas as perguntas: classes não relacionadas (2 e 3), de inclusão (4) e de intersecção (5).

- Prova de Quantificação da Inclusão de Classes: Resposta de nível 3 – Solução de inclusão qualificativa, À partir de 7/8 anos. Todas as perguntas recebem respostas concretas, ainda que, à vezes, se observem dúvidas e estranheza.

Avaliação: Com um pouco de dificuldade C. Conseguiu realizar a seriação de palitos através de muitas tentativas com comparações por tamanhos. realizando, assim o objetivo que lhe foi proposto.

### **3.1.5 – Provas Projetivas Psicopedagógicas**

#### **a) Eu e Meus Companheiros**

Os testes projetivos, segundo Montagna (1989, p. 6), têm por objetivo investigar a dinâmica e a estrutura da personalidade. Sua caracterização se dá por: Um estímulo (material de teste) suficientemente ambíguo e indefinido para que o sujeito, ao dar sua resposta, projete seus conteúdos internos; Uma intrusão que



proporciona ao sujeito liberdade de elaborar sua resposta da maneira que escolher. Ao mesmo tempo em que tem a liberdade da escolha, é obrigado a mostrar-se, através de sua conduta, seguindo a intrusão do teste; Uma relação com o examinador, que permita a aplicação do teste, no qual o testando está livre para dar a resposta escolhida, mas ao mesmo tempo vai ser revelado na interpretação do clínico. As provas projetivas cuja aplicação tem como objetivo investigar os vínculos que o sujeito pode estabelecer em três grandes domínios: o familiar, o escolar e consigo mesmo, através dos quais é possível reconhecer três níveis em relação ao grau de consciência dos distintos aspectos que constituem o vínculo de aprendizagem.

Sob minha constante orientação, **C. S. A.** o desenhou brincando com mais três de seus vários amigos. Quando indagado sobre os números que constavam próximos à cabeça de cada amigo, ele respondeu que seriam suas respectivas idades. Ele não estava com disposição para utilizar o material que estava a seu dispor: (papel, lápis de cor, giz de cera, canetinha, canetas das mais variadas cores, borracha, lápis).

Podem-se observar alguns detalhes como as rodas dos patins, o cabelo e o tipo de roupa que estão vestindo. No desenho um dos colegas foi representado de uma forma maior que os outros. Questionei por que motivo ele fora desenhado daquela forma. Ele explicou que esse determinado colega “gostava de mandar em todos e que também era ele quem escolhia as brincadeiras”. Percebi que desenhou um a um individualmente, sem contato físico. Conduzi a conversa de forma agradável e ele explicou que seus colegas não gostavam muito de brincar com ele e que na maioria das vezes brincava sozinho.

Perguntei quem eram seus colegas que havia desenhado. Ele respondeu que um era colega de escola e os outros dois moravam na mesma rua que ele. Fiz algumas perguntas sobre como era o relacionamento deles e **C. S. A.** relatou que era bom apesar de brincar sozinho grande parte do tempo. Mas quando estavam juntos era bem tratado.

Após realizar a atividade solicitei que escrevesse duas frases sobre o desenho. Com muita dificuldade na grafia escreveu: **“Eu e meus amigos brincando de patins “.**

“Eu gosto de subir em cima do pé de mexerica e brinco de carrinho”.

No relato C. registrou em seu desenho o nome e a idade dos companheiros que esboçou, acrescentando que eles são seus amigos, e o que gostam de fazer quando estão juntos, o que demonstra integração entre as formas usadas para representar o conhecimento, flexibilidade e coerência de pensamento, dizendo ainda que só os encontra no ambiente escolar.

Analisando seu grafismo, observei que o tamanho do desenho fornece pistas a respeito de sua auto-estima, bem como, a aceitação de si mesmo. C. em relação a seus companheiros apresenta-se no desenho menor, isso muitas vezes são realizados por crianças com sentimentos de inadequação e retraimento. Associado ao tamanho esta também a pressão do lápis, que C. utilizou de forma leve e simples, refletindo um baixo nível de energia, restrição e repressão.

A partir da análise do traçado pode-se inferir que C. fez mais uso de traços circulares que são características de crianças dependentes emocionais.

A utilização dos itens caracterizados, como de desenvolvimento teve como objetivo verificar se alguns destes itens analisados poderiam se comportar como indicadores emocionais, visto que C. apresentou a maioria em seu desenho.

#### b) Par educativo

Nas observações realizadas pude obter a oportunidade de verificar com evidência a importância da relação professor/aluno.

A disponibilidade dos professores foi fundamental para auxiliar em captar e favorecer momentos de atenção dessas crianças, intensificando suas experimentações nas atividades propostas.

Percebi que as cenas de aprendizagem escolar demonstram o quanto não são significativas e não ficaram marcadas em seu mundo interior.

Apesar de gostar da escola e colegas, C. não manifesta uma relação positiva, com a possibilidade de integração de experiências, informações, trocas afetivas, é muito fechado, não consegue demonstrar seus sentimentos.

Os desenhos estão em tamanho normal, condizentes com a idade colocada para cada personagem, isso demonstra um vínculo relativamente importante, ou seja, professora está delineada em “cima” da figura que representa a criança e esta está sentada olhando para ela, o que demonstra uma supervalorização de quem ensina.

O desenho e o relato são pobres, apenas descritivos o que levanta a hipótese de hiperacomodação. Acomodar-se é abrir-se para a internalização, o exagero disto pode levar a uma carência de contato com a subjetividade, levando à submissão e à obediência acrítica. Essa sintomatização está associada a hipoassimilação: Nesta sintomatização ocorre uma assimilação pobre, o que resulta na pobreza no contato com o objeto, de modo a não transformá-lo, não assimilá-lo de todo, apenas acomodá-lo.

O desenho da professora é correspondente a descrição da idade há detalhes na roupa, no cabelo, nos acessórios, o aluno, também demonstra características de um aluno.

O texto tem muita incoerência gramatical, pouca coesão, e muito erro na escrita. Os erros ortográficos são presentes em grande quantidade.

A escrita de C. (segundo a professora) não é compatível com a fala, com idade e nem com a série escolar.

O vínculo que se nota entre C. e sua professora na grafia do desenho, não apresenta ser positivo, pois ela está afastada e acima, enquanto ele está sentado ereto sem demonstrar contato visual com a professora e sem estar manuseando qualquer objeto escolar.

### c) Família Educativa

Hoje o contexto escolar tem se inserido cada vez mais cedo na vida das crianças. Por isso, é importante que família e escola atuem em parceria, onde seus papéis fiquem bem delimitados quanto à educação da criança. Partindo dessa idéia, propõe-se uma reflexão sobre a relação família/escola.

Para a psicopedagogia, afetividade é o conjunto de fenômenos psíquicos manifestados sob a forma de emoções ou sentimentos e acompanhados da impressão de prazer ou dor, satisfação ou insatisfação, agrado ou desagradado, alegria ou tristeza; e afeto, o termo que a psicanálise foi buscar na terminologia psicológica alemã, exprime qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral.

Seguindo a linha de raciocínio, pude perceber que a cena familiar não demonstra ser significativa e de bastante importância para C..

O tamanho total do desenho é normal, condizente com a idade dada aos personagens, o que demonstra um vínculo positivo entre eles, embora estejam afastados uns dos outros, porém lado a lado, que nos diz que há uma razoável integração familiar.

Cada um dos personagens está fazendo algo, o que para C. é uma maneira de mostrar o desejo de ter uma união familiar.

Os desenhos são completos e detalhados.

O relato é inexistente e vago, apenas descritivo feitos apenas por assimilação, porém C. fala o que quer ser quando crescer “ quando eu crescer vou ser Bombero porque poderei ajudar e porque eu gosto...”(C.S.A.)

Essa atitude demonstra a realidade de vida e social condizente ao setor em que mora C.

### **3.1.6 – Provas Pedagógicas**

#### a) Prova de português

As provas e testes podem ser usados, se necessário, para especificar o nível pedagógico, estrutura cognitiva e/ou emocional do sujeito. Podemos lançar mão de provas e avaliações específicas que irão fornecer um parâmetro bem evidente a partir das respostas. O uso de provas e testes não é indispensável em um diagnóstico psicopedagógico, representa um recurso a mais a ser utilizado quando avaliado necessário, devendo ser escolhido de acordo com cada caso.

A seguir, serão apresentados alguns desses testes e uma discussão acerca de sua aplicação no diagnóstico psicopedagógico visando clarificar aspectos necessários ao entendimento dos capítulos posteriores.

Diante de todas pesquisas feitas com C. elaborei a sua prova pensando nas dificuldades que já havia detectado .

Diante da resolução das atividades de português, notei que C. tem grande dificuldade de interpretação e compreensão do texto, também não possui a paciência necessária para ler mais vezes uma pergunta ou o texto. Esqueceu de responder alguns exercícios, demonstrando impaciência em resolver a prova. Quanto aos erros ortográficos ficou muito claro que C. não escreve como fala e não possui a preocupação com a estética da escrita, coerência de texto e estética textual.

Resolvi ainda aplicar um ditado de sílabas complexas e simples, nesse exercício C. mostrou estar no processo da escrita e leitura alfabética, pois os erros são simples e compatíveis com sua idades e ano escolar, exemplos:

Carroça – caroça

Massagem – masagem

Sobrou – sobro

Chapéu - xapél

### **3.1.7 Prova de Matemática**

Inúmeros estudos pedagógicos enfatizam diferentes formas de ensinar Matemática. As teorias desenvolvidas pelo estudo de Piaget abordam situações primordiais que contribuem para o ensino-aprendizagem de tal disciplina. Piaget procurou diagnosticar as fases de transição de conhecimentos, envolvendo a passagem de um conteúdo mais simples para um conteúdo mais complexo. Essas fases de transição receberam o nome de estágios, os quais se baseavam na capacidade de desenvolvimento do raciocínio lógico. A Matemática é considerada o princípio norteador de todo esse trabalho piagetiano.

Segundo Piaget, a Matemática é resultado do processo mental da criança em relação ao cotidiano, arquitetado mediante atividades de se pensar o mundo por meio da relação com objetos.

Diante do pensamento piagetiano a atividade de matemática foi elaborada simples e sucinta.

Ao entregar a prova, procurei ressaltar a sua inteligência, disse-lhe que teria todo tempo, não necessitava de fazê - lá rapidamente.

C. a pegou e a fez sem atenção e sem planejamento lógico. Simplesmente a fez, resolveu as questões propostas, não fez nenhuma pergunta, utilizou todo o tempo possível. Diante das dificuldades das questões, me disse que não “dava conta”, que sua cabeça não conseguia “pensar mais”.

Na observação e avaliação foi ressaltada uma dificuldade em armar as contas, e sua má resolução. Na seqüência numérica também C. se saiu razoavelmente bem. Na escrita dos números a dificuldade foi na escrita onde os erros ortográficos ficaram evidentes.

Em relação à resolução de problemas, a grande dificuldade foi a interpretação (saber se o problema era de adição ou subtração).

Em resumo, é possível observar que C. é muito objetivo, gosta de atividades rápidas e simples (mecânicas), não se entusiasma com atividades subjetivas que exijam dele o ato de pensar.

Na série (4<sup>o</sup> ano) que C. está, de acordo com os PCNS, é preciso ter como competência matemática: Compreender milhares; somar e subtrair números de quatro dígitos (p.ex., 1 017 - 978); aprender fatos da multiplicação até  $9 \times 9$ ; solucionar problemas simples de multiplicação e divisão ( $642 \times$  ou dividido por 2); relacionar divisão com subtrações repetidas; aprender numerais romanos mais difíceis; introduzir frações, soma/estima/organiza frações simples; compreender números mistos e geometria (identificar figuras geométricas e classificá-las); compreender diâmetro, raio, volume, área; compreender decimais, começa aprender números negativos, probabilidade, porcentagem, razão; solucionar problemas verbais mais difíceis de matemática.

Dentro desse contexto é possível afirmar que C. vem ano a ano acumulando deficiências nessas aptidões, o que agora torna tão difícil sua capacidade de acompanhar os anos letivos.

### **3.1.8 – Jogos de regras**

A brincadeira e o jogo constituem-se uma necessidade humana e, segundo Kishimoto (2000), interferem diretamente no desenvolvimento da imaginação, da representação simbólica, da cognição, dos sentimentos, do prazer, das relações, da convivência, da criatividade, do movimento e da auto-imagem dos indivíduos. Muitos educadores desvalorizam a brincadeira acreditando que o mais importante na escola é aprender a ler e escrever.

Ao tentar resolver os problemas originados no desenvolvimento do jogo, o sujeito cria estratégias e as avalia em função dos resultados obtidos e das metas a alcançar na atividade.

Do ponto de vista psicopedagógico, o processo de aprendizagem envolve não somente a fala do sujeito que aprende, mas também a fala de quem ensina. Ao “pensar em voz alta” suas estratégias de ação o educador atua como modelo de reflexão para o sujeito.

C. está com 9 anos, fase das operações concretas (dos 7 aos 11 anos aproximadamente): as crianças aprendem as regras dos jogos e jogam em grupos. Esta é a fase dos jogos de regras como futebol, Jogo de baralhos (Bafo), Jogo da velha, damas etc.

As sessões foram realizadas individualmente com duração de 50 minutos cada uma.

Durante o jogo se um jogador não conseguisse virar todas as fichas ou deixasse uma ou mais, a vez seria do próximo participante (eu). Se o jogador não possuísse a soma determinada pelo seu adversário para fazer a aposta, o valor que não possuía seria descontado da sua soma de pontos (os resultados parciais devem ser anotados). Se um dos jogadores possuísse uma única carta com o valor superior à aposta feita pelo adversário, ele poderia tentar trocá-la por fichas que representassem essa quantidade. Caso um dos jogadores não tivesse mais o valor para cobrir a aposta determinada pelo adversário ele ficaria com saldo negativo que deveria ser pago no próximo jogo. Seria considerado vencedor quem conseguisse a maior soma no final da partida.

Desde do começo do jogo, a preocupação de C. era em terminá-lo, principalmente por se tratar de revisar as quatro operações com o enfoque na adição.

Para o desenvolvimento do jogo da velha, utilizei como ponto de partida a queixa escolar e familiar de que seu desempenho concentrava-se nos seguintes pontos: não compreendia o significado dos sinais das quatro operações básicas; não se mostrava capaz de utilizar e compreender os algoritmos convencionais de adição e subtração; encontrava-se na fase inicial de construção do esquema multiplicativo e parecia ainda não ter avançado na construção do esquema aditivo; ainda utilizava algoritmos intuitivos e representação icônica tanto na adição quanto na subtração.

Da mesma forma que no caso anterior, o relato das estratégias envolvidas no jogo da velha se inicia a partir da introdução de elementos e regras relacionadas ao conteúdo matemático no qual C. apresentava dificuldades de aprendizagem. Após esta adaptação de C. ao seu ambiente de jogos, novos materiais (algarismos) e regras foram introduzidos de acordo com as dificuldades de aprendizagem detectadas.

No primeiro momento de atuação com o jogo da velha C. mostrou levar em conta apenas os atributos espaciais do tabuleiro sem se ater ao outro atributo,

indispensável para a vitória - a soma dos algarismos. Sua contagem mostrava-se sempre acompanhada pelos dedos das mãos. Neste momento, a organização de suas ações parecia não levar em consideração as estratégias utilizadas pelo adversário.

No segundo momento do uso do jogo da velha C. começou a organizar sua ação a partir da dimensão numérica do jogo. Manteve sua estratégia de jogo quanto à posição das fichas no tabuleiro, ainda sem levar em conta os movimentos do adversário. Em uma das partidas desta fase acabou por ganhar o jogo, mas suas ações não se constituíram reações ou antecipações aos movimentos do adversário e, sim, a repetição de uma seqüência de passos previamente testados. Ainda nesta fase, a escolha das fichas a serem colocadas no tabuleiro foi aleatória pois ignorou a dimensão numérica do jogo.

Na última etapa do jogo da velha C. modificou suas estratégias de jogo e passou a utilizar cartas com números maiores em pontos estratégicos do tabuleiro.

Nos dois casos relatados, constatou-se evolução de suas estratégias de jogo e de seus conhecimentos sobre as operações de adição e subtração. As estratégias iniciais por C. demonstravam uma conduta indiferente aos elementos matemáticos introduzidos nos jogos e organizavam suas jogadas conforme os procedimentos convencionalmente utilizados nos dois jogos. No jogo do bafo C. preocupava-se apenas em virar as figuras o mais rápido possível, enquanto no jogo da velha C. fixava-se em uma das dimensões espaciais do tabuleiro, a diagonal.

### **3.1.9 – Hora do Jogo**

O saber se constrói fazendo próprio o conhecimento do outro e a operação de fazer próprio o conhecimento do outro só se pode fazer jogando. Aí encontramos uma das interseções entre o aprender e o jogar.

“Podemos considerar jogos voltados às atividades reprodutoras - com certa relação com a memória - e voltados às atividades criadoras, relacionadas à imaginação. Segundo Vygotsky, “O jogo da criança não é uma recordação simples do vivido, mas sim a transformação criadora das impressões para a formação de uma nova realidade que responda às exigências e inclinações dela mesma”.



Os jogos estão diretamente ligados ao desenvolvimento mental da infância; tanto a aprendizagem quanto as atividades lúdicas constituem uma assimilação do real. (PIAGET, 1975b).

Diz que a brincadeira simboliza a relação pensamento-ação da criança, e, sendo assim, constitui-se provavelmente na matriz das formas de expressão da linguagem (gestual, falada e escrita). Os jogos têm um papel no desenvolvimento psicomotor e no processo de aprendizagem de domínio do social da criança, através dos jogos é possível exercitar os processos mentais e o desenvolvimento da linguagem e hábitos sociais. (DINELLO, 1984 AUPD SERAPIÃO, JOÃO, 2004).

A caixa da hora do jogo foi apresentada a C. em cima de uma mesa, baixa onde ele tinha total visão no âmbito externo e interno. O objeto de avaliação é a metodologia de observação. A proposta foi que C. poderia realizar uma atividade de produção de texto dentro do contexto de amizade utilizando qualquer um dos objetos da caixa.

“Aqui está essa caixa, ela está cheia de materiais, você pode usar qualquer um para realizar uma produção de texto com o tema amizade. Então C. começou a realizar esta atividade, porém é possível ressaltar que C. foi muito objetivo e logo utilizou os papéis e os lápis para realizar sua atividade, não se interessou em usar os outros materiais, assim sua representação foi de forma pobre e desinteressada, o envolvimento dele se deu artificialmente.”

C. então não possui uma relação com o objeto de conhecimento, o que pode ser um dos motivos de dificuldade de aprendizagem, levantando a hipótese de hipoassimilação: Nesta sintomatização ocorre uma assimilação desprovida, o que resulta no não contato com o objeto, de modo a não transformá-lo, não assimilá-lo de todo, apenas acomodá-lo. A aprendizagem normal pressupõe que os movimentos de assimilação e acomodação estão em equilíbrio. O que caracteriza a sintomatização no aprender é o predomínio de um movimento sobre o outro. Quando há o predomínio da assimilação, as dificuldades de aprendizagem são da ordem da não resignação, o que leva o sujeito a interpretar os objetos de modo subjetivo, não internalizando as características próprias do objeto. Quando a acomodação predomina, o sujeito não empresta sentido subjetivo aos objetos, antes, resigna-se sem criticidade. O sistema educativo pode produzir sujeito muito acomodativos se a reprodução dos padrões for mais valorizada que o desenvolvimento da autonomia e da criatividade. Um sujeito que apresente uma sintomatização na modalidade

hiperacomodativa/ hipoassimilativa pode não ser visto como tendo “problemas de aprendizagem”, pois consegue reproduzir os modelos com precisão.

Também foi observado que C. embora tenha se sentido confortável, e até mesmo entusiasmado, não manteve esse interesse durante a atividade proposta, embora tenha efetuado o mínimo esperado. C. também não fala muito (linguagem oral), ou se expresse com facilidade e sem inibições, mas na hora de fazer, ele não se preocupou em fazer bem feito, o executar mesmo que ineficiente já é suficiente.

### **3.1.10 – Observação do Material escolar:**

Através destas idéias e dados comprovados por esta pesquisa, podemos pensar que o rótulo atribuído a uma criança como tendo uma dificuldade de aprendizagem acaba por retê-la nesta condição, reafirmando o sentimento de impotência e de insucesso diante das etapas a serem percorridas.

Pensando na interação como base para o desenvolvimento emocional, em que o sujeito passa a construir um julgamento de si mesmo diante do contato com o outro, a questão do rótulo e o estigma de “alunos-problema”, passa a ser um grande vilão nesta fase de desenvolvimento do sujeito. A criança passa a introduzir aspectos negativos em seu autoconceito, ou seja, justamente o que o meio e o outro julgam por si mesmo, reforçando ainda mais a questão da impotência, da dificuldade e da incapacidade de aprender e de realizar.

Após o reconhecimento do espaço a ser pesquisado foram feitas as entrevistas. O objetivo era conhecer como a professora realiza seu trabalho, desde o planejamento dos conteúdos a serem trabalhados em sua disciplina; a preparação das aulas; a avaliação; a relação que fazem entre os conteúdos dados e a realidade do aluno atende até a relação entre os professores e entre estes e os alunos.

A professora sente ter autonomia para a seleção do que será trabalhado e da metodologia utilizada. Desta forma, procura relacionar os conteúdos das aulas a temas da atualidade.

O trabalho com música, vídeos é utilizado constantemente, segundo a professora. Isto se deve ao fato da escola possuir recursos variados para utilização em sala.

Diante dessa realidade comecei minha entrevista com C. percebi que o mesmo instável com a organização corporal e escolar, apresenta uma grande desatenção, ele não teve todos os materiais (pedidos na lista) comprados pela mãe,

os materiais foram encapados e nomeados aleatoriamente (livros didático fornecidos pela escola) porém C. nem sempre mantém esse material devidamente organizado, ele é desatento, imaturo e muito relapso com seu material, os esquecem em casa quando os traz, mesmo que copie as matérias e atividades do dia, não o faz com zelo e interesse.

No contexto pedagógico, o caderno transcreve a metodologia de aulas baseadas em um conteúdo interdisciplinar e contextualizada com a realidade dos alunos.. Dentro desse contexto C. (segundo relatos da professora) não se interessa pelas aulas e não participa delas, suas maneiras tem relação íntima com sua personalidade usual. C. não apresenta mau humor e nem bom, apenas se deixa ficar em sala, como se não houvesse nada melhor para fazer, o contentamento e descontentamento estão sempre juntos, as vezes é como se ele tivesse um mundo imaginário que pertence somente a ele” (relato da professora)

### **3.2 – Entrevista com a professora**

A professora de C., é ainda jovem, mas com anos de experiência em sala de aula, como professora de escola pública, está há 3 anos apenas, se refere a C. com carinho (é possível notar isso pela maneira compreensiva em que fala).

Ao perguntar sobre seus alunos, ela me diz que há muitos necessitando de atenção personalizada e que em especial, um dos que necessita é C.

Continuando nossa conversa ela me relata que o primeiro contato foi conflitante, C. é um menino muito fechado e na maioria das vezes alheio a expressões de carinho e atenção, que a convivência familiar é conflituosa, não há uma relação afetiva maternal com ele. Ao ser questionada sobre o pai, a professora diz que nunca o viu, vive trabalhando e não se preocupa em saber da vida escolar de seus filhos. Completou dizendo, ainda, que na instituição já estudaram todos seus irmãos. Diante dessa realidade, ela passou a olhá-lo não como alguém lerdo e sem interesse, mas como alguém que precisa de ajuda para achar um jeito de sanar pelo menos algumas de suas dificuldades escolares.

De maneira geral a impressão que tive é de uma profissional qualificada que se preocupa em tentar sanar algumas dificuldades de seus alunos incluindo C., mais sabe que sozinha não vai conseguir, também notei que os progressos de C.

são de fato considerados por ela uma vitória como educadora, mesmo que uma ou outra situação aconteça onde haja necessidade de sua intervenção mais rígida, ou seja, ela valoriza as atitudes qualitativas de C. e não somente as quantitativas.

Ainda ressaltou que C. não tem grande dificuldade em ouvir a palavra “não” e seguir regras pré – estabelecidas , e por concordar com tudo, as vezes, isso faz com que seu desempenho fique baixo perante o de seus colegas. Ressaltando, disse ainda: “- No ambiente escolar, C. não me dá trabalho, sinto a penas que por ser muito fechado, não consigo “chegar” realmente no âmbito da questão educacional que necessito para que haja uma aprendizagem significativa.”

#### 4. HIPÓTESE DIAGNÓSTICA

O processo da aprendizagem acontecerá mediante a articulação de quatro instâncias: desejo, inteligência, organismo e corpo. Estas quatro instâncias constituem o sujeito aprendente, que por sua vez se constroem ou se instalam através de uma inter-relação constante e permanente com o meio familiar e social.

A construção das estruturas mentais se procedem através da troca do organismo com o meio através das ações do indivíduo. Isto significa que a ação é o centro do processo e que o fator social ou educativo se constitui numa condição do desenvolvimento. Essa ação, por sua vez deve ser organizada pelo próprio sujeito que tem por finalidade alcançar um objetivo que seja por este aceito anteriormente. Caberá então à criança desenvolver sua estratégia, e ao professor agir de maneira a criar as situações necessárias para que a criança perceba o problema. Afinal, compreender é reinventar ou reconstruir através da reinvenção, e será preciso curvar-se ante tais necessidades se o que se pretende, para o futuro é termos indivíduos capazes de produzir ou de criar, e não apenas repetir.

Sara Paín (1985) observa a constituição de diferentes modalidades nos processos representativos que interferem na formação deste equilíbrio.

Podem ser descritos como: hipoassimilação/hiperacomodação, hipoacomodação/hiperassimilação. A presença dessas modalidades interfere nas respostas produzidas pelo organismo em sua relação com o meio e conseqüentemente interfere no processo da aprendizagem. Uma aprendizagem normal supõe uma modalidade de aprendizagem na qual se produza um equilíbrio entre os movimentos assimilativos e acomodativos.

As observações realizadas com C. mostraram que alguns fatores como: a ausência da mãe devido aos seus afazeres, a falta de carinho por parte do pai, estão contribuindo para que haja mudanças no seu comportamento, não para melhoras, mas sim a seu déficit de atenção e acomodação. Durante o estudo foi possível perceber que a criança parecia estar se sentindo agredida, rejeitada, carente, insegura, falava quase sempre olhando para o chão, demonstrou ter dificuldades em se relacionar com a mãe e os dois irmãos, pois raramente falava neles e quando era questionado sobre sua família ele sempre se referia á outras pessoa, menos a sua família.

Durante a semana C. participa de projetos realizados pela instituição e em suas horas vagas assiste T.V.. Em algumas falas e gestos foi possível perceber que ele sente falta de carinho, parece acreditar que os outros dois irmãos são mais preferidos pela mãe, são mais inteligentes e mais capazes.

Já com o pai, parece ser diferente, não há contato entre eles, pouco se falou sobre o pai, em relação aos seus outros irmãos, precariamente se disse sobre eles em seu ambiente familiar é cada um por si.

A mãe enfrenta enormes dificuldades financeiras, realiza atividades domésticas remuneradas recebendo um baixo salário, que às vezes quase não dá para pagar as contas no final do mês, o pai possui a profissão de pedreiro, é autônomo, não possui renda fixa e, ainda, possui o habito de consumir bebidas alcoólicas, não tem hora certa para voltar do trabalho e conseqüentemente não tem tempo para os filhos, acredito que essa ausência em casa contribui para que a criança sintase carente, rejeitada e acaba se tornando fechadas com seus sentimentos.

A situação que C., vivencia é bastante confusa, pois ele convive em um ambiente familiar, com diferentes regras e condutas, diferentes situações financeiras e a atenção por parte dos pais também é diferenciada.

Para saber mais dessa convivência seria necessário mais tempo de estudo.

Para ajudar C. os pais poderiam que ser mais freqüentes a Instituição onde ele freqüenta.

O professor também poderá ajudar bastante no desenvolvimento dessa criança, sendo amiga, valorizando suas realizações, especialmente nas áreas em que prevalecem suas capacidades e seus interesses (isso já está acontecendo).

A modalidade de aprendizagem apresentada por C. é hipoassimilação/hipoacomodação enquanto que no sintoma a modalidade de aprendizagem refere-se ao conflito e desequilíbrio, mostrando-se como hiperassimilação/hiperacomodação ou vice-versa.

## 5. SUGESTÕES E ENCAMINHAMENTO

É importante que seus direitos de opinião e participação sejam respeitados, para que ele se sinta capaz e adquira mais segurança em si próprio, devendo ser fortalecida a importância da amizade, compreensão, carinho, respeito com os irmãos, pais e demais colegas da escola.

Seria fundamental um trabalho por parte de uma Assistente Social junto à família, no sentido de fazer um acompanhamento, dando orientações de como a família deve acompanhar incentivar e estabelecer vínculos com os filhos.

A criança deve continuar com o trabalho psicopedagógico, se possível um acompanhamento psicológico para ele e sua família, pois ela parece estar bastante desestruturada e esta falta de estrutura está interferindo na educação dos filhos e pode contribuir para que no futuro se tornem crianças revoltadas com o pai, a mãe. Em relação ao paciente, a afetividade deveria ser mais estimulada por meio da vivência, a qual o educador estabelece um vínculo com o educando. A criança necessita de estabilidade emocional para se envolver com a aprendizagem. O afeto pode ser uma maneira eficaz de aproximar C. com o meio em que está inserido, a ludicidade em parceria ajuda a enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

E quando o educador dá ênfase às metodologias que alicerçam as atividades lúdicas, percebe-se um maior encantamento do aluno. Pois se aprende brincando, se aprende com prazer, com alegria. Ela, (a criança), estabelece com o brinquedo uma relação natural e consegue extravasar suas angústias e paixões; suas alegrias e tristezas, suas agressividades e passividades. Enfim, havendo um trabalho integrado entre escola, família e demais especialistas, pode-se ajudar a criança a superar suas dificuldades emocionais e de aprendizagem.

## 6. CONCLUSÃO

Após várias pesquisas bibliográficas e de acordo com o conceito de psicopedagogia clínica, percebi que a criança aprende enquanto brinca, entendi que de alguma forma a brincadeira se faz presente e acrescenta ingredientes indispensáveis ao relacionamento com outras pessoas.

Analisei que a ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade, mas principalmente na infância, na qual ela deve ser vivenciada, não apenas como diversão, mas com objetivo de desenvolver as potencialidades da criança, visto que o conhecimento é construído pelas relações inter-pessoais e trocas recíprocas que se estabelece durante toda a formação do sujeito. .

O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, facilitando os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento. Enfim, desenvolve o indivíduo num todo.

Portanto, cabe ao educador criar um ambiente que reúna os elementos de motivação para as crianças. Criar atividades que proporcionam conceitos que preparam para a leitura, para os números, conceitos de lógica que envolve classificação, ordenação, dentre outros. Motivar os alunos a trabalhar em equipe na resolução de problemas, aprendendo assim expressar seus próprios pontos de vista em relação ao outro.

Em relação à C. foi feito um encaminhamento a professora de recursos, presente a escola, ela está procurando formas de trazer essa família para a Instituição, ele está freqüentando o projeto: Mais Educação (programa que oferece profissionais qualificados de reforço escolar visando o letramento e a Matemática)

A meu ver tudo está sendo feito para a sua melhoria de ensino, por parte da escola, mais enquanto estudante em psicopedagogia deveria encaminhá-lo a um psicólogo familiar, pois a mãe/pai ainda não entenderam que o problema de C. pode ser mais sério ou há uma clinica especializada onde seria feito um diagnóstico mais detalhado.



## 7. BIBLIOGRAFIA

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

FROEBEL. F. **A Educação do Homem.** Tradução de Maria H. C. Bastos. Passo Fundo, RS: UPF, 2001.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** 3ª edição, SP: Cortez, 1998.

MONTESSORI, Maria. **CRIANÇA, A.** 11 ed. Rio de Janeiro: NORDICA, 1987.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem.** 3 ed. São Paulo: Artmed, 1985.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança.** 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

VIGOTSKY, Lev. Semenovich, 1896-1934. **Formação Social da Mente:** 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WEISS, Maria Lúcia Lemme, **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** 13ª ed. São Paulo: DP&A / Lamparina, 2008.

## 8. ANEXOS

### Roteiro de Anamnese

**Quem trouxe a criança?** M Soares Alves

**Grau de parentesco?** Mãe

- **1 – Identificação**

**Nome:** C. S. A.

**Idade:** 9 anos

**Sexo:** masculino

**Local e data de nascimento:** Anápolis – 24 de abril

**Residência:** Rua 2 Quadra 17 Lote 05 Bairro Recanto do Sol

**Cidade:** Anápolis

**Telefone:** 62 9182 1417

**Escola:** C. M. E. Desembargador Air Borges de Almeida.

**Escolaridade:** 4º ano

**Período escolar:** Matutino

**Endereço da escola:** Avenida do Estado S/N Recanto do sol

**Telefone da escola:** 62 3902 1098

**Nome da professora:** Deise de Cássia Xavier Silva

- **2 – Dados dos familiares**

**Nome do pai:** Adailton José Alves

**Grau de instrução:** 3º série

**Profissão:** Pedreiro

**Idade:** 42 anos **Natural de:** Trindade

**Nome da mãe:** Maria Soares Alves

**Grau de instrução:** 6º ano

**Profissão:** Do lar

**Idade:** 32 anos **Natural de:** Anápolis

**Religião dos pais:** Católicos (não praticantes)

**Outros filhos:**

**Nome:** Natália Soares Alves

**Idade:** 16 anos

**Escolaridade:** 7º ano

**Nome:** Jhonata Soares Alves

**Idade:** 17 anos

**Escolaridade:** 6º ano (desistente)

**Queixa ou motivo da consulta:**

Dificuldade na aprendizagem (memorização), leitura e escrita.

**Desde quando há o problema?** Desde os 6 (seis) anos.

**Já procurou outros especialistas?** Não

Está fazendo algum tipo de tratamento médico, psicológico, psiquiátrico, ou neurológico? Não

- **4 – Antecedentes pessoais**

**4.1 – Gestação**

**Fez alguma transfusão durante a gravidez?** Não

**Quando sentiu a criança se mexer?** Não lembra

**Levou algum tombo?** Não

**Doenças durante a gestação?** Não

**Condições de saúde durante a gravidez?** Normal

**Condições emocionais?** Pouco perturbada

**Houve algum episódio marcante durante a gravidez?** Discussões entre o casal

**4.2 – Condições de nascimento**

**Nasceu com quantos meses?** Nove meses

**Com quantos quilos?** 3.100 Kg Comprimento 48 cm

**Desenvolvimento do parto:** Normal

**Prematuro?** Não

#### **4.3 – Primeiras reações**

**Chorou logo?** Sim

**Ficou vermelho demais?** Não

**Ficou preto?** Não

**Precisou de oxigênio?** Não

**Ficou icterico (amarelo, esverdeado)?** Não

- **5 – Desenvolvimento**

#### **5.1 – Saúde**

**A criança sofreu algum acidente ou se submeteu a alguma cirurgia?** Não

**Possui reações alérgicas?** Não

**Tem bronquite ou asma?** Não

**Apresenta problemas de visão?** Não

**E de audição?** Não

**Dor de cabeça?** Às vezes

**Já desmaiou alguma vez?** Não

**Há alguém da família que apresenta problemas de desmaios convulsões ou ataques?** Não que seja do conhecimento dela.

#### **5.2 – Alimentação**

**A criança foi amamentada?** Sim

**Até que idade?** Nove meses

**Como é sua alimentação?** Balanceada

**É forçada a se alimentar?** Não

**Come sem derrubar a comida?** Sim

**Recebe ajuda na alimentação?** Não

#### **5.3 – Sono**

**A criança dorme bem?** Sim

**Como é seu sono (agitado, tranquilo)?** Tranquilo

**Fala dormindo?** Às vezes

**Dorme em quarto separado dos pais?** Sim

**Com quem dorme?** Com os irmãos

**A criança acorda e vai para a cama dos pais?** Não

#### **5.4 – Desenvolvimento psicomotor**

**Como era quando bebê?** Muito dorminhoco

**Em que idade:**

**Firmou a cabeça?** Quatro meses

**Sentou sem apoio?** Seis meses

**Engatinhou?** Nove meses

**Ficou de pé?** Catorze meses

**Andou?** Doze meses

**Teve controle dos esfíncteres:**

**Anal diurno?** Dois anos

**Anal noturno?** Dois anos e seis meses

**Vesical diurno?** Dois anos

**Vesical noturno?** Três anos

**Como desenvolveu esse controle?** Naturalmente

**É lento para fazer alguma tarefa?** Sim

**Veste-se sozinho?** Sim

**Toma banho sozinho?** Sim

**Calça-se sozinho?** Sim

**Sabe dar nó nos sapatos?** Sim

**É desastrado?** Sim

**Anda de bicicleta?** Sim

**Desde quando?** Sete anos

**Pratica esportes?** Sim

**Quais?** Natação

**É canhoto ou destro?** Destro

**Foi exigido que usasse uma das mãos para escrever ou comer?** Não

**Em casa quem escreve com a mão direita?** Todos

**Rói unhas?** Não

**Chupa dedos?** Não

**Tem outra mania ou tic? Qual?** Não

**Precisa de ajuda para fazer alguma coisa? Sim**

**Observações: Atividades escolares**

- **6 – Escolaridade**

**A criança gosta de ir à escola? Sim**

**É bem aceita pelos amigos ou isolada? Bem aceita**

**Já repetiu série alguma vez? Não**

**Gota de estudar? Não**

**Tem o hábito da leitura? Não**

**Faz lições que os professores passam? Muito difícil**

**Os pais estudam com a criança? Raramente**

**Mudou muitas vezes de escola? Não**

**Por quê? É a escola mais próxima da casa da família**

**Vai bem em matemática? Não**

**Tem dificuldade em leitura e escrita? Sim**

**É irrequieta na escola? Não**

**Quais são as principais dificuldades que encontra na escola? Só a de aprendizagem**

**Qual é a opinião dos professores sobre ele? Bom menino**

**Observações: É quieto e tem poucas amizades**

- **7 – Linguagem**

**Quando usou as primeiras palavras com significados? Depois de dois anos de idade**

**Gagueja? Não**

**Troca letras quando fala? Não**

**Relata fatos vivenciados? Sim**

**Alguma época notou alguma alteração na comunicação? Sim**

**Qual? Troca de letras**

**Descreva a comunicação atual? Normal**

- **8 – Sexualidade**

**Foi feita alguma educação sexual? Não**

**Tem curiosidade sexual? Pouca**

**Os pais conversão sobre sexualidade com a criança? Não**

- **9 – Aspectos ambientais**

**Prefere brincar sozinha ou com amigos?** Com amigos

**Prefere brincar com crianças maiores ou menores?** Menor que ele

**Faz amizade com facilidade?** Às vezes

**Adapta-se facilmente ao meio?** Não

**Como é o relacionamento da criança com os pais?** Normal

**E com os irmãos?** Os irmãos não dão muita atenção a ele

**Quais as medidas disciplinares normalmente usadas com a criança?** Castigo.

Tira o vídeo\_game

**Quem as usa?** A mãe

**Quais as reações da criança frente a essas medidas?** Aceita com facilidade

- **10 – Características pessoais e afetivo-emocionais**

**Como é a criança sob o ponto de vista emocional?** É tranqüilo e bem preguiçoso

**Dentre as características abaixo, quais ele se enquadra?**

**Agressiva ( )**

**Passiva ( )**

**Dependente ( )**

**Irrequieta ( )**

**Medrosa ( )**

**Retraída ( )**

**Excitada ( )**

**Desligada ( )**

**Como reage quando é contrariada?** Chora e quer dormir

**Atividades preferidas?** Brincar de carrinho

- **11 – Atividades diárias da criança**

**Descreva o dia-a-dia da criança desde a hora que acorda até quando vai dormir:**

Acorda 06h15min, toma café e se prepara para ir para a escola, chega por volta de 11h50min. Almoça, assiste TV e dorme um pouco. Sai para brincar com

coleguinhas, ao voltar, toma banho, faz tarefas escolares se prepara para o jantar, assiste TV e dorme.

**Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?** Nos finais de semana dorme até mais tarde, brinca na rua e joga vídeo-game na casa dos primos.

**Aprendente: C. S. A.**

### **Sessão: Provas Operatórias**

- **3.1 – SERIAÇÃO: Palitos**

#### **1º parte: Seriação descoberta**

Apresentar os palitos em desordem. Reconhecer o material

Pedir que organizasse os palitos do menor para o maior. Observar como elege cada um, ordem de combinação. Como você pensou para fazer?

Medindo os palitos de dois em dois, em seguida colocar em ordem de dois em dois em forma de escada.

#### **2º parte: Verificação da inclusão**

Entregar o palito marcado para que inclua na série.

Executa a tarefa corretamente, mas com certa dificuldade de raciocínio.

#### **3º parte: Seriação oculta atrás de um anteparo**

Apresentar novamente os palitos em desordem (retirar o palito marcado) e colocar um anteparo entre a criança e o experimentador. Pedir que fosse montando uma escala do menor para o maior à medida que for recebendo os palitos. Como você pensou para fazer? Com lentidão organizou todos os palitos corretamente.

**Avaliação:** Com um pouco de dificuldade **C**. Conseguiu realizar a seriação de palitos através de tentativas com comparações por tamanhos.

**Aprendente: C. S. A.**

### **Sessão: Provas Operatórias – 6**

#### **2.3 – Conservação: Quantidade de matéria**

Apresentar duas bolas de massa de modelar de cores diferentes.



Perguntar se tem a mesma quantidade de massa em uma e em outra. Caso disser que não, pedir que iguale as duas bolas para que tenham a mesma quantidade.

### **1° Transformação:**

Transformam-se uma das bolas em salsicha.

1 – E agora há o mesmo tanto de massa na bola e na salsicha? Algum tem mais ou menos? Como você sabe? As duas são iguais, fiz bolinhas e coloquei na mão e percebi que são iguais.

Em caso de resposta correta, contra-argumentar.

Mas a salsicha é comprida, não acha que por isso há mais massa que na bola. O que você acha disso? Acho que as duas são iguais.

Em caso de não conservação, lembrar a igualdade de quantidade inicial:

Você se lembra como foram feitas as bolas antes? E vimos que a salsicha é fininha e a bola é grossa, então não há mais massa aqui na bola que na salsicha? Como você pode explicar isso? Mesmo a salsicha sendo grande ela é fina, se encolher a salsicha ela fica gordinha como a bola.

### **Retorno empírico:**

Antes de refazer a bola inicial, pergunta-se: “Se volto a fazer uma bola com essa salsicha ela terá ou não a mesma quantidade de massa?” Sim, é só amassar a salsicha que ela irá virar uma bolinha.

Fazem-se novamente duas bolas certificando que tem a mesma quantidade.

### **2° Transformação**

Transformam-se duas bolas em bolacha.

1 – E agora há o mesmo tanto de massa na bola e na bolacha? Alguma tem mais ou menos? Como você sabe? Não. Sim, a bolacha tem menos, pois ela é mais fina.

Em caso de resposta correta, contra-argumentar.

Mas a bolacha é maior, não acha que por isso há mais massa na bolacha do que na bola. Como você sabe? Porque a bolacha é magra e a bola é gorda.

Em caso de haver não-conservação, lembrar a igualdade de quantidade inicial:

Você se lembra como foram feitas as bolas antes? E vimos que a bolacha é maior e a bola é mais grossa, então não há mais massa aqui na bola que na bolacha? Como você pode explicar? Sim, na bola tem mais massa, pois ela é bem gorda.

### **Retorno empírico:**

Antes de fazer a bola inicial, pergunta-se: “Se volto a fazer uma bola com essa bolacha, ela terá ou não a mesma quantidade de massa? Não sei, Preciso fazer as bolinhas pra saber.

Fazem-se novamente duas bolinhas certificando que tem a mesma quantidade de massa.

### **3°. Transformação:**

Transforma-se uma das bolas em pequenos pedacinhos (5 a 8)

1 – E agora, há a mesma quantidade de massa na bola e nos pedacinhos? Algum tem mais ou menos? Como você sabe? Não, os pedacinhos têm maior quantidade.

Em caso de resposta correta, contra-argumentar. Mas tem muitos pedacinhos. Não acha que por isso há mais massa nestes pedacinhos do que na bola. Como você sabe? Sim, eu acho por que tem mais pedacinhos.

Em outra ocasião me disseram que há mais massinha na salsicha que na bola. O que você acha disso? Acho que tem mais massinha na bola por que ela é mais gorda.

### **Retorno empírico:**

Antes de fazer a bola inicial pergunta-se: “Se volto a fazer uma bola com esses pedacinhos, terá ou não a mesma quantidade de massa? Não sei. Preciso fazer primeiro pra saber.

Fazem-se novamente as duas bolas que tem a mesma quantidade.

**Avaliação:** Resposta do nível 2, o raciocínio do aluno avaliou a peça e não analisou tamanho ou espessura.

### **Entrevista com o cliente**

- **1 – Informações básicas de seu cotidiano.**

#### **a) Nome completo/idade/dia do aniversário:**

C. S. A./9 anos/24 de abril 2001

Serie escolar/nome da escola/professor

4° ano/ensino fundamental/ C. M. E. D. A. B. A./Leila

#### **b) Nome dos pais/irmãos/idade dos irmãos/ serie que os irmãos estudam:**

Pai – A. J. A.

Mãe – C. S. A.

Irmã – N. S. A./16 anos/7° ano

Irmão – J. S. A./17 anos/6° ano

**c) Endereço/telefone**

Rua 02 Quadra 17 Lote 15 Bairro Recanto do Sol.

• **2 – Por que veio para o atendimento?**

Dificuldade de aprendizagem (leitura, escrita) e memorização.

• **3 – Em casa:**

**O que mais gosta de fazer?**

Ver TV.

**O que menos gosta de fazer?**

Ajudar nos afazeres domésticos.

**Em que horário faz tarefas/Quem ajuda/Como ajuda?**

Geralmente à noite, normalmente ninguém me ajuda às vezes me tomam a leitura ou a tabuada.

**Recebe colegas em casa?**

Não.

• **4 – O que a família gosta de fazer?**

**Pai** - Trabalha o dia todo, à noite assisti o jornal.

**Mãe** – Arruma sempre a casa, lava roupa para pessoas de fora e conversa com as vizinhas.

**Irmã** – Gosta de ouvir musica em volume bem alto.

**Irmão** – Gosta de ir pra lan-house.

**Entrevistado** – Gosto de ir pra casa da minha avó, mas é muito difícil ir lá, então brinco de carrinho na rua.

- **5 – Faz passeios em família? Onde costuma ir? Como são os fins de semana em família?**

Às vezes vamos à casa da minha avó em Trindade. Nos finais de semana almoçamos todos em casa, assamos carne, meu pai bebe cerveja e fica bêbado.

- **6 - Na escola**

**Quem são seus amigos?**

Ryan, Paulo e Leonardo

**O que mais gosta de fazer?**

Brincar com colegas na hora do recreio.

**O que menos gosta de fazer?**

Escrever historia e fazer continhas.

- **7 – Quais as brincadeiras preferidas? (na escola/ em casa)**

Na escola pique-pega, em casa carrinho.

- **8 – Gosta de ler? O que? Gosta de história? TV (quais programas?)**

Não, quando leio é só gibi, gosto de escutar histórias que a professora conta, e na TV gosto de pica-pau.

- **9 – Gosta de música? Esporte preferido?**

Nem sempre gosto de música, e meu esporte preferido é natação.

- **10 – Tem medo de algo?**

Sim, de cobra.

- **11 – A quem pede ajuda quando precisa?**

A minha tia.